

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE LETRAS E ARTES**

**INSTITUTO VILLA-LOBOS**

**LICENCIATURA EM MÚSICA**

**MONOGRAFIA**

**A MÚSICA NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL:**

**POSSIBILIDADES DA INTERDISCIPLINARIDADE**

**MAURÍCIO PINHEIRO REIS**

**RIO DE JANEIRO, 2012.**

**A MÚSICA NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL:  
POSSIBILIDADES DA INTERDISCIPLINARIDADE**

**por**

**MAURÍCIO PINHEIRO REIS**

**Monografia submetida ao Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Música, sob a orientação da Professora Dra. Andréa Rosana Fetzner**

**RIO DE JANEIRO, 2012.**

*Dedico este trabalho às cinco mulheres de minha vida: à minha mãe Delva, à minha esposa Jerusa, às minhas queridas filhas Carol e Yasmin e à Alaninha, minha neta.*

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Andréa Rosana Fetzner, por sua dedicação e infinita paciência na revisão e correção de minha monografia, além das sugestões sem as quais não teria sido possível ter realizado este trabalho.

À professora Mônica Duarte por todo apoio prestado e pelos caminhos apontados na escolha da orientação.

À professora Selma Camargo pela parceria e inspiração nas oficinas interdisciplinares.

Ao Professor Josias Reis Soares pelo incentivo na procura de uma educação não fragmentada.

À Psicóloga Jerusa Machado Rocha pelo carinho dedicado à leitura e formatação do meu texto.

A todos os professores da Unirio com quem tive o privilégio de conviver e aprender.

REIS, Maurício P. *A Música na escola de ensino fundamental: possibilidades de interdisciplinaridade*. 2012. Monografia (Licenciatura em Música) – Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

### RESUMO

Essa monografia procura discutir o ensino de música nas escolas numa abordagem interdisciplinar. Tem como proposta a experimentação estética por meio da integração entre as artes, usando temas do cotidiano aliados às disciplinas regulares. O objetivo desse trabalho é pensar como a arte pode ajudar a promover uma reflexão crítica dos alunos a respeito do que vivenciam no seu dia a dia. Para construí-lo me apoiei em experiência realizada numa escola regular da rede pública. Esse trabalho de campo dialogou com os aportes críticos de Paulo Freire (2010), com as propostas pedagógicas de João Wanderley Geraldi (2004) e Jorge Larrosa (2002) usando a experiência como foco, além das críticas de Michael Apple (2005) sobre a educação neoliberal. Para pensar a interdisciplinaridade trago para a discussão a professora Ivani Fazenda (1998). No campo musical Murray Shafer (1986) contribuiu com o seu conceito de paisagem sonora para pensar a música numa perspectiva ampliada, para além das notas musicais. O resultado observado é que o próprio aluno pode participar ativamente na criação de uma obra de arte que o faça refletir sobre o mundo em que vive.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, Educação Bancária, Experiência estética, Música no Ensino Fundamental

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	7
CAPITULO I – QUE TIPO DE PROFESSOR QUEREMOS SER?-----	10
CAPITULOII – A EDUCAÇÃO E O NEOLIBERALISMO-----	16
CAPÍTULOIII- A EDUCAÇÃO DIALÓGICA EM OPOSIÇÃO A EDUCAÇÃO FRAGMENTADA-----	23
CAPÍTULO IV - O PROFESSOR DE MÚSICA CAINDO DE PARAQUEDAS NA SALA DE AULA DE UMA ESCOLA REGULAR-----	29
4.1 Experiências com trabalho interdisciplinar-----	30
4.2 Duas propostas de musicalização que podem ser interdisciplinares-----	33
4.3 A democratização da cultura-----	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	41
REFERÊNCIAS-----	46

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho visa discutir a possibilidade de integrar a experiência artística às outras disciplinas regulares do ensino fundamental, usando temas que afetam o nosso cotidiano. Acreditamos que, por meio da música e das artes integradas, unindo professores das diferentes formas artísticas ao professor regular pode-se, por meio da experiência artística, contribuir para uma compreensão não fragmentada do mundo em que vivemos.

Na minha experiência no estágio, em escola pública de ensino fundamental, notei a grande dificuldade dos estagiários, separados da professora regular, de ensinarem uma arte tão sofisticada quanto à música. Percebi que isso deve acontecer não somente com a música, mas também com outras artes, e até mesmo com as matérias regulares. Conversando com alguns professores sobre essa dificuldade foi indicada a possibilidade de que isso acontecia porque, além dos problemas socioeconômicos vividos pela população, as disciplinas são dadas de forma fragmentada nas escolas, sem procurar umnexo entre uma e outra, seguindo o modelo do Fordismo<sup>1</sup>, que coloca o aluno numa espécie de “linha de produção” do conhecimento. Partindo desse problema, comecei a pensar como, por meio da minha disciplina, a música, poderíamos começar a trabalhar de forma não fragmentada com as outras disciplinas, para que pudéssemos compreender melhor o mundo multifacetado em que vivemos.

Para fazer o meu trabalho, recorri à bibliografia de autores educadores, artistas e artistas educadores. Fui procurar no conceito de “educação bancária” de Paulo Freire (1975) as razões pela qual a educação no Brasil, de maneira geral, é praticada de forma tão pouco reflexiva, ou seja, os educandos recebem o conteúdo e o guardam numa espécie de conta na memória, sem refletir como vão usar no mundo real aquilo que assimilaram. Com João Wanderley Geraldi (2004) compreendi como os materiais didáticos são empurrados “goela a baixo” dos alunos, como se aprender fosse assimilar as respostas prontas sem nenhum

---

<sup>1</sup> O conceito de linha de montagem usado na indústria automobilística por Henry Ford no início do século, trazido para as ciências sociais por Antônio Gramsci (Gramsci, Antônio. “Americanismo e fordismo” *In* obras escolhidas, tradução de Manuel Cruz: Martins Fontes, ano 1978, p.311)

questionamento. Por meio de Michael Apple (2005), pude observar como são irresponsáveis as instituições que tratam a educação como comódite e os alunos como clientes, como se a relação das pessoas com a vida não passasse de uma relação de mercado.

Jorge Larrosa (2002) me chamou a atenção sobre a importância da experiência no aprendizado. Com ele nos demos conta que a quantidade de informações que recebemos a cada dia não se traduz em aprendizado e sabedoria, mas camufla o real sentido das coisas. A professora Ivani Fazenda (1998), por fim, entra no assunto (com um brilhante prefácio construído por Hilton Japiassú) que me incentivou a escrever esse trabalho e diz como a interdisciplinaridade é útil para tentarmos achar o fio da meada nessa cultura moderna cada vez mais confusa e entrelaçada. Usei, também, na minha monografia, o músico Shafer com o seu consagrado livro “O ouvido pensante” (1986), em particular o capítulo: “O rinoceronte em sala de aula” no qual faz uma brilhante análise criativa sobre a educação musical apontando caminhos e ironizando soluções tidas como verdades. Acredito também que o método Orff pode ser usado para a criação musical de cada aluno independente do talento de cada um. Apoiei-me também no livro de Kandinsky (1996) “Do espiritual na arte” para colocar que é possível uma educação por meio dos “sentidos” para que possamos interpretar as mensagens subliminares que nos invadem a cada dia.

A enxurrada de informações recebida todos os dias faz com que os jovens fiquem cada vez mais confusos, nos fazendo temer pelo dia de amanhã. Filtrar informações é quase impossível, proibi-las, é dar um passo atrás no progresso da civilização. Melhor seria, talvez, pensar no processo de educação como uma forma de compreendê-las, considerando como ferramentas importantes. A educação no século XXI deve ser entendida como uma oitava arte e não como uma metralhadora de conhecimentos que visa apenas à capacidade bancária do aluno de guardar informações. Para levar a efeito essa pesquisa experimental, me apoiei na bibliografia de autores da teoria crítica da educação.

No primeiro capítulo trago o que Paulo Freire (1975) denuncia como “educação bancária” em detrimento da educação humanizadora. Em Geraldi (2004) fui buscar fundamentos para uma educação baseada no acontecimento, onde fatos do dia a dia possam ser usados como temas para o desenvolvimento em sala de aula de uma atitude mais reflexiva na observação do cotidiano ao invés do questionário dos materiais didáticos que privilegiam a fixação irreflexiva dos conteúdos. Os ensinamentos de Geraldi (2004) se harmonizam perfeitamente na visão de Larrosa (2002) sobre a experiência como fonte de conhecimento.



No segundo capítulo trabalhei com Apple (2005) onde ele denuncia as relações de mercado trazidas para a educação. O neoliberalismo tentando transformar os alunos em peças de uma engrenagem para se encaixarem passivamente dentro de um espaço no mercado, como se fossem desprovidos de vontade e ideais próprios. O utilitarismo e as relações de mercado moldando a educação, transformando-a em comódite, e os alunos transformados em clientes e não em seres pensantes.

No terceiro capítulo tomando como suporte o texto da professora Fazenda (1998), pontuo a importância da interdisciplinaridade. Defendo uma visão não fragmentada das disciplinas e a relação entre os conteúdos. A importância da arte numa visão mais subjetiva e reflexiva do mundo trabalhando com acontecimentos do dia a dia, buscando interseções entre esses acontecimentos e o que é aprendido na escola, além de tocar na criatividade de cada educando, fazendo com que cada um, busque, mesmo dentro de suas limitações, uma representação artística daquilo que sentem.

No quarto e último capítulo falo da minha experiência na escola pública onde fiz estágio, da dificuldade do professor de música criar uma conexão com o aluno. Defendo a experiência com os sons antes do ensino da teoria, falo dos métodos de musicalização que podem ser úteis nessa etapa do trabalho, da importância da democratização da cultura e da inclusão das artes na educação, contribuindo com uma nova forma de ver o mundo e da sua associação com as outras disciplinas.

Esse trabalho pretende levar os alunos do ensino fundamental a uma reflexão crítica do mundo em que vivem por meio da experiência estética em sala de aula, além de conecta-la as disciplinas regulares. Como diz o físico John Horgan:

Essa divisão de arte e ciência é temporária. Não existia no passado, e não há razão para continuar a existir no futuro. Assim como a arte não consiste apenas em obras de arte, mas numa "atitude, no espírito artístico", a ciência também não consiste na acumulação de conhecimento, mas na criação de novos modos de percepção. A capacidade de perceber ou pensar de modo diferente é mais importante do que o conhecimento ganho. (HORGAN, 1998, p.116)

## CAPÍTULO I

### QUE TIPO DE PROFESSOR QUEREMOS SER?

Nesse capítulo, apoiado na pedagogia crítica, será abordada a educação bancária, termo cunhado por Paulo Freire (1975) para designar a educação que é ministrada sem uma maior reflexão e sem consonância com o mundo vivido. Traremos à luz, a proposta de Larrosa (2002) e Geraldi (2004) de usar a experiência e o cotidiano como ferramentas para o desenvolvimento do aprendizado em oposição aos questionários do material didático padronizado.

Andando pelas ruas das grandes metrópoles brasileiras, podemos notar construções hipermodernas que aos poucos vão se erguendo no lugar de outras tradicionais, grandes arranha-céus saindo do chão com suas estruturas inteligentes, enquanto na parte pobre dessas mesmas metrópoles, observamos favelas sem a mínima estrutura, esgoto a céu aberto, notícia de jovens mortos todos os dias nos jornais. Será que tudo isso é apenas um acidente? Uma fatalidade inevitável? Um desígnio de Deus?

Podemos observar sem procurar muito, o mal que esse modelo de sociedade vem causando à humanidade e ao meio ambiente. Será que esse modelo veio do nada? Será que os políticos que fazem as leis, os empresários que se “beneficiam” delas, o povo que não questiona esse modelo de sociedade nunca frequentaram uma escola? O que lhes foi ensinado na escola? Paulo Freire (2010) questiona os professores que falam da realidade como algo estático, enchendo os educandos de narrações, conteúdos, que segundo ele, são retalhos da realidade, desconectados da totalidade, palavras ocas, mais som do que significação, onde a sonoridade é mais importante que a sua força transformadora (p.61).

Será que existe algum tipo de reflexão feita por parte daqueles que transformaram o nosso meio ambiente nesse caos urbano em que vivemos? Será que na escola em que estudaram opressores e oprimidos, foi proposto algum tipo de trabalho de reflexão sobre a sociedade em que vivemos? A redução do professor a intérprete de uma partitura, de um programa a ser cumprido sem questionamento, influencia também o aluno que segundo Geraldi (2004), vira um mero receptáculo vazio a ser preenchido pelo conteúdo do mestre. (p.12)

Todos os dias somos bombardeados pela mídia com diversos tipos de informação, casos que tomam conta do noticiário durante algum tempo e depois desaparecem, como se nada tivesse acontecido. Assuntos como aquecimento global, violência, crise na Europa, *subprime* e as hipotecas bancárias, *Lemon Brothers*, desindustrialização, depreciação do câmbio, a desproporcionalidade do *spread* bancário (a diferença entre a remuneração que o banco paga ao aplicador para captar um recurso e o quanto esse banco cobra para emprestar o mesmo dinheiro), corrupção no congresso e no senado, legalização do aborto para mulheres que estão grávidas de fetos anencéfalos ou vítimas de estupro, guerra das Malvinas, etc. Essas notícias aparecem e são explicadas com uma linguagem técnica, ou superficialmente explicadas, porque tempo é dinheiro e os comerciais não podem ser negligenciados, muito menos o Ibope. Em suma, a notícia jornalística há muito deixou de ser essencialmente uma informação e passou a ser um produto, uma comódite. Benjamin (1991), em um texto célebre, já observava a pobreza da experiência que caracteriza nosso mundo.

Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência e mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea da informação, em estar informados, e toda retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém com essa obsessão pela informação e pelo saber (saber não no sentido de sabedoria mas no sentido de estar informado). O que consegue e que nada lhe aconteça (BENJAMIN *apud* LARROSSA, 2002, p.21).

Em nosso cotidiano, convivendo com os nossos problemas diários, a cada dia somos tomados de assalto por essas informações que parecem não ter nada a ver com a nossa vida. No estágio que fiz em uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro, pude observar que as crianças são colocadas diante das disciplinas que têm que aprender sem uma maior reflexão (acredito que essa escola não deve diferir da maioria das escolas públicas) sobre aquilo que estão aprendendo. Os professores têm um programa a seguir e o seguem sem um maior questionamento. Por exemplo: Porque a interpretação de um texto é vital para nos colocarmos na sociedade em que vivemos? Porque o raciocínio matemático é fundamental para entendermos esse mundo cada vez mais complexo e baseado em números? Porque a história e a geografia são fundamentais para saber onde estamos, o que somos e o que está acontecendo

no mundo em constante transformação, quer no meio ambiente, quer no comportamento humano e na política? O que podemos observar extramuros da escola, na nossa comunidade, nas ruas, que poderá ser importante para o nosso conhecimento e relacionarmos com as disciplinas que aprendemos no cotidiano escolar? Como interpretar o que assistimos na televisão?

Como comenta Geraldi (2004), o saber do professor foi trocado pela “eficiência” do material didático. Os alunos são ensinados a responder as perguntas que são colocadas como verdades e não a refletir sobre elas. O que se constrói na ciência como hipótese, na escola vira verdade. E como alguns conseguem sucesso com o material trabalhado, quando há insucesso, a culpa é do aluno e não do material que ele tentou aprender. Ensinar não é mais um modo de constituir uma civilização, mas um modo de controlar e restringir os sentidos. Se o aluno não aprendeu é porque não quis aprender, não estudou e, portanto é o único culpado por sua condição social. Há pais que começam a pensar que o filho não nasceu para estudar. Esse modelo não só conseguiu “culpabilizar o aluno como ideologizar os pais” (GERALDI, 2004, p.14).

Talvez seja possível que o tempo em que a criança passa na escola seja usado não somente para aprender de forma fragmentada as disciplinas do programa, mas que se dê um tempo para a reflexão dos alunos, de que forma poderão lidar conscientemente em suas comunidades contra a violência, tanto do crime organizado, como do estado, como poderão evitar enchentes e tragédias de desabamento, quando acionar a defesa civil, enfim, refletirem de forma inteligente os problemas que enfrentam no dia a dia: O português, a matemática, a geografia e a história não estão à parte desses problemas. Observemos então, o que o professor João Wanderley Geraldi tem a dizer sobre isso: O autor dá o exemplo vivido pelas escolas da cidade de São Paulo que sofrem com o problema das inundações. Quando o infortúnio acontece os professores têm que improvisar e ministrar aulas para outras turmas nas quais os professores não puderam chegar. O assunto é discutido à exaustão. Quando as chuvas acabam, tudo volta ao normal recomeçando a rotina como se outras inundações não viessem a acontecer, e o efeito das chuvas no ambiente escolar não é mais discutido até as próximas inundações. O problema gerou imprevisto, mas não uma discussão para gerar soluções para a próxima enchente (GERALDI, 2004, p. 19).

Os problemas cotidianos não são usados como tema das aulas, os saberes não são usados para resolverem os problemas da comunidade. É preciso aproveitar esses momentos de

crise para fazer perguntas e irmos buscar as respostas na herança cultural, nos profissionais de cada área, na experiência do cotidiano, em todas as disciplinas afins, para que possamos fazer da experiência de vida no mundo extramuros, o complemento da escola formal. Existe uma escola e um livro a céu aberto para quem consegue enxergar. (GERALDI, 2004, p.20).

É nesse ponto que o professor deveria ser chamado a intervir montando estratégias, criando jogos, usando a arte para fazer o aluno refletir de forma criativa e lúdica e expressar a sua realidade para, a partir disso, sabermos como o aluno se sente, quais são seus problemas. Tive a chance de conhecer vários alunos que têm fortes questões emocionais que interferem na forma de aprender. Intuí que a arte pode ter bons resultados nesses casos. O conhecimento não passa por apenas receber passivamente conteúdos:

Essa forma de narrativa conduz os alunos a uma memorização mecânica, transformando os alunos em vasilhas ou recipientes a serem preenchidos pelo educador. Dentro desse modelo, quanto mais o professor encher a cabeça dos alunos de informação, melhor o professor será e quanto mais o aluno se deixar preencher, melhor será o aluno. Dessa forma o professor se transforma em depositante e o aluno em depositário. O professor fala, e os alunos, sem questionamento, sem reflexão, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí, a educação bancária. (FREIRE, *In* PATO 2010, p. 62)

Freire afirma que fora da práxis, os homens não podem ser nem educadores nem educandos. Nesse tipo de educação não há criatividade, não há saber, não há transformação. “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.” (FREIRE *In* PATO 2010, p. 62).

A arte tem um cordão umbilical preso à emoção e à subjetividade, tornando-se assim um desafio instigante para o professor provocar, de forma consciente, essa emoção que vai ser expressa por meio da criação artística. A emoção sempre virá acompanhada de uma paixão, nada nos emociona de forma benévola se não conseguirmos nos apaixonar. Criar opções criativas para uma educação onde o mundo possa ser percebido de várias outras formas, além da absorção mecânica do conteúdo, pode ser uma boa opção para quebrar bloqueios e transformar o cotidiano da sala de aula em algo mais prazeroso.

Definir o sujeito da experiência como sujeito passional não significa pensa-lo como incapaz de conhecimento, de compromisso ou ação. A experiência funda também uma ordem epistemológica e uma ordem

ética. O sujeito passional tem também a sua própria força, e essa força se expressa produtivamente em forma de saber e em forma de práxis. (LARROSSA, 2002, p. 26).

Uma sala de aula pode ser um local muito rico em convivência e criatividade, resta ao professor à escolha de um ensino burocrático, aquele que apenas cumpre o programa ou o ensino que desenvolve o senso de observação dos alunos. O educador deve ser professor e aprendiz. Passar o que sabe, mas ficar atento à demanda que vem dos alunos. Em minha visita à Escola da Ponte em Portugal pude observar que os alunos mais adiantados ajudam aos outros que precisam, formando uma corrente solidária que se diferencia da educação bancária calcada no incentivo à competição e a formação de peças de uma engrenagem, especialistas que sabem tudo sobre o seu mister, mas que não tiveram uma educação humanizadora e não sabem compreender o mundo como uma comunidade interdependente.

Por meio da educação bancária cria-se uma relação de servidão entre educador e educando, uma relação de dominação. A educação libertadora exige a superação da contradição entre educando e educador de uma maneira em que ambos se tornem educandos e educadores. A seguir discrimino os tópicos citados por Paulo Freire que configuram a educação bancária:

- A) O educador é o que educa; os educandos, os que são os educados;
- B) O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- C) O educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- D) O educador é o que diz a palavra; os educandos, os que escutam docilmente;
- E) O educador é o que disciplina: os educandos, os disciplinados;
- F) O educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição;
- G) O educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão que atuam, na atuação do educador;
- H) O educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- I) O educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos estes devem adaptar-se às determinações daquele;

J) O educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.

A experiência é uma experiência narrada e não uma experiência vivida pelos dois lados. (FREIRE, 1975, p.84 e 85)

Esse capítulo teve como objetivo construir uma reflexão sobre a educação bancária e as lacunas que ela deixa para a compreensão da contemporaneidade. Talvez vejamos nas próximas décadas, uma cruzada do capital internacional tentando transformar a educação universal em uma educação bancária, e isso não somente nas instituições privadas, mas também nas instituições públicas e até mesmo em Universidades públicas que deveriam ser o centro do pensamento independente. Como diria a Música do Pink Floyd, *brick in the wall*, os alunos para esse pensamento neoconservador, não passariam de mais um tijolo na parede, privilegiando em si mesmos a “eficiência” por algo determinado pelo mercado em detrimento da reflexão e da construção de um mundo melhor.

## CAPÍTULO II

### A EDUCAÇÃO E O NEOLIBERALISMO

O SISTEMA/1

Os funcionários não funcionam.

Os políticos falam, mas não dizem.

Os votantes votam, mas não escolhem.

Os meios de informação desinformam.

Os centros de ensino ensinam a ignorar.

Os juízes condenam as vítimas.

Os militares estão em guerra contra seus compatriotas.

Os policiais não combatem os crimes porque estão ocupados, cometendo-os.

As bancarrotas são socializadas, os lucros são privatizados.

O dinheiro é mais livre que as pessoas. As pessoas estão a serviço das coisas. (GALEANO, 1989, p. 129).

Esse capítulo pretende abordar os malefícios que podem advir de uma educação no modelo da economia de mercado. Alerta sobre a limitação de uma educação padronizada nos moldes do neoliberalismo e das sequelas que esse sistema pode trazer para a cidadania e os serviços públicos em geral.

O recém-criado prêmio Nobel de economia de 1969 consagrou a tendência neoliberal que o mundo vinha tomando, premiando Friederich Von Hayeck em 1974 e dois anos depois a Milton Friedman. Os defensores do “livre-mercado” e da “democracia” assumiram a hegemonia do pensamento econômico, embora em 1973 se associassem a ditadura do sanguinário General Pinochet para colocar para fora do poder um governo legitimamente eleito para implantar essa “nova” tendência econômica no Chile. (HOBSBAWM, 1994, p.398).

Era iniciada a batalha entre os neoliberais e os Keynesianos (defensores da política do bem estar social). O chamado neoliberalismo começava a atuar em todo mundo e tiveram grande apoio de Margareth Thatcher na Inglaterra e do governo de Ronald Reagan nos Estados Unidos. Voltava assim à cena o mesmo regime liberal da “mão invisível” do mercado e do Laissez faire responsável pela deflagração de duas guerras mundiais e pelo crash da bolsa em Nova York, um regime que preconizava total liberdade aos agentes financeiros, diminuindo o tamanho e o poder mediador do estado, só que agora com algumas diferenças sutis citadas por Olssen:

Enquanto o liberalismo clássico representa uma concepção negativa do poder do estado, no sentido que o indivíduo era tido como um



objeto a ser libertado das suas intervenções, o neoliberalismo acabou por representar uma concepção positiva do papel do estado, ao criar o mercado apropriado, pois fornece as condições, leis e instituições necessárias a seu funcionamento. No liberalismo clássico, o indivíduo é caracterizado como tendo uma natureza humana autônoma e podendo praticar a liberdade. No neoliberalismo, o estado procura criar um indivíduo que seja um empreendedor ousado e competitivo. No modelo clássico, o objetivo teórico do estado era limitar e minimizar o seu papel, baseado em postulados que incluía o egoísmo universal (o indivíduo interessado em si mesmo); a teoria da mão invisível, a qual declarava que os interesses do indivíduo eram também os interesses da sociedade como um todo; e a máxima política do *Laissez – faire*. Na troca do liberalismo clássico para o neoliberalismo, então, há um elemento a mais, pois tal troca envolve uma mudança na posição do sujeito, de *homo economicus* – que se comporta naturalmente a partir do interesse próprio e é relativamente separado do estado – para o homem manipulável – é criado pelo estado e continuamente encorajado a ser responsivo perpetuamente. Não significa que a concepção do sujeito interessado por si próprio seja substituída, ou destruída, pelos novos ideais do neoliberalismo, mas que em uma era de bem estar universal, as possibilidades perceptivas de uma preguiçosa indolência criam necessidades de formas novas de vigilância, fiscalização, avaliação de desempenho e, em geral, de formas de controle. Nesse modelo, o Estado toma para si a função de nos manter a todos acima da nota. O Estado providencia que cada um faça “um empreendimento contínuo de si próprio...” o que parece ser um processo de “governar sem governar”. (OLSSSEN *apud* APPLE, 2005, p. 37).

“Como Margareth Thatcher excelentemente observou certa vez: A tarefa não se resume a mudar a economia somente, mas mudar a alma”. (APPLE, 2005, p.35).

A poesia de Galeano (1989) que coloquei como epígrafe mostra o desvio das instituições em relação as suas funções. O sistema neoliberal coloca todas as coisas numa relação com o seu valor de mercado, como se a “mão invisível” pudesse dar conta de todos os problemas do mundo, inclusive o social, uma panaceia para todos os males. E dessa regra não escapa a educação que é tratada como uma comódite, algo comerciável, algo para trazer lucro financeiro, como se esse fosse a única forma de lucro. O lucro que a educação pode dar é outro, ele se traduz em uma população mais cidadã, em um tratamento mais humano às crianças e aos velhos, num comportamento mais solidário e menos egoísta entre as pessoas, em progressos científicos que possam favorecer a todos e não apenas a uma elite. Esse modelo de sociedade que vivemos, parece não estar trazendo felicidade e nem a harmonia entre as nações. Precisamos que o equilíbrio entre as nações não seja mantido apenas pelas armas, em suma, o século XXI chegou a um grau perigoso

de poder bélico. Nikita Krushov falou em um famoso discurso na década de 60: O que adianta aos Estados Unidos ter o poder de destruir a União Soviética mil vezes, se nós temos o poder de destruir os Estados Unidos uma vez? Isso mostra o caminho insano que a corrida armamentista tomou. Por isso, os que ainda acreditam na esperança, têm que começar a ver o novo mundo por um novo prisma. A educação não pode ser apenas um produto de troca ou venda, pois nela reside a nossa esperança, a esperança da construção de uma nova consciência. Palavras como democracia não podem ser ditas a esmo para justificar interesses mercantilistas e intervenções militares. Não podemos distorcer as palavras ou as instituições para que elas sirvam apenas de eufemismo para intenções totalmente opostas: “A democracia não é mais um conceito político, mas está reduzida a uma representação econômica”. (APPLE, 2005, p.44)

A arte seja na música erudita, na música popular, em quadros como Guernica, em festivais contra a guerra do Vietnã ou contra a invasão do Iraque ou contra a bomba de Hiroshima sempre vem tomando posições em favor da paz, e esses movimentos deveriam ser incentivados dentro das escolas municipais para que possamos evitar a cada dia, fatos lastimáveis como os tiros de Columbine<sup>2</sup> ou as tragédias como as de Realengo<sup>3</sup> no Rio de Janeiro. A educação não é apenas para formar técnicos para ocuparem os lugares disponíveis no mercado de trabalho ou render dividendos para os donos de escolas e universidades particulares. Estamos tratando do futuro do mundo. E esse futuro não pode ser mensurável pelo dinheiro que entra no caixa da tesouraria.

O domínio público de cidadania e serviços deveria ser salvaguardado de incursões por parte do domínio de mercado de compra e venda. Os bens de domínio público – saúde, prevenção de crimes e educação – não deveriam ser tratados como comódites ou substitutos de comódites. (...) Médicos e enfermeiras não “vendem” serviços médicos; os alunos não são clientes de seus professores; os policiais não “produzem” a ordem pública. Ao tentar forçar essas relações na

---

<sup>2</sup> O Massacre de Columbine aconteceu em 20 de abril de 1999 no Condado de Jefferson, Colorado, Estados Unidos, no Instituto Columbine, onde os estudantes Eric Harris (apelido ReB), de 18 anos, e Dylan Klebold (apelido VoDkA), de 17 anos, atiraram em vários colegas e professores. Eric Harris e Dylan Klebold eram aparentemente adolescentes típicos de um subúrbio americano de classe média alta. Moravam em casas confortáveis. O pai de Klebold é geofísico, e a mãe, especialista em crianças deficientes..**Sic** Notícias:(<http://videos.sapo.pt/qKLibgadCzdUgzFKCCSP>)

<sup>3</sup> Massacre de Realengo refere-se ao assassinato em massa ocorrido em 7 de abril de 2011, na Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro. Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, invadiu a escola e começou a disparar contra os alunos presentes, matando doze deles, com idade entre 12 e 14 anos. cometendo suicídio após a chacina. **O Globo on line** (<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/05/alunos-tem-dificuldade-de-retornar-aulas-um-mes-apos-ataque-escola.html>).

direção de um modelo de mercado se debilita o serviço ético, se degrada as instituições que o personificam e priva parte do seu significado da noção de cidadania comum. (APPLE, 2005, p.48)

Nas últimas décadas, estamos assistindo um sucateamento dos bens públicos para posterior privatização, o que decorre disso, é que apenas aquilo que dá lucro, obviamente, interessa ao setor privado. Hospitais públicos, escolas públicas, que já foram referência de excelência, hoje se encontram em dificuldade. O fato de um aluno fazer o ensino médio e fundamental numa escola privada se torna decisivo na hora de fazer um concurso para o ensino superior aumentando ainda mais as diferenças sociais e o acesso à igualdade de oportunidades. Seria necessário o sistema de cotas se fossemos um país justo, com um ensino fundamental e médio de qualidade para todos? As instituições públicas são cada vez mais rebaixadas em seu status e qualidade, fazendo com que os alunos que estudam na escola pública tenham cada vez mais dificuldade em nivelar o seu conteúdo com os alunos da rede privada e são tratados como cidadãos de segunda classe. A única parcela da população que é levada em conta é a parte da população consumidora, a que pode pagar pelos estudos e por ironia a que tem mais chances de entrar para o ensino superior público. Existe uma segregação por classe social, uma exclusão daqueles que vêm dos extratos inferiores da sociedade. As escolas públicas são estigmatizadas e usadas para as estatísticas de quantidade, mas não de qualidade.

Uma explicação para toda essa situação seria a desvalorização de bens e serviços públicos. É preciso um trabalho ideológico criativo e de longo prazo e, ainda, as pessoas têm que ser forçadas a perceber tudo que é público como "ruim" e o que é privado como "bom". E qualquer um que trabalhe nessas instituições públicas deve ser visto como ineficiente e necessitado de sensata realidade da competição, para que trabalhe mais horas e mais arduamente. (APPLE, 2005, p. 41)

A cada ano é exigido dos funcionários públicos um resultado mais satisfatório sem que com isso o seu trabalho seja valorizado. Para que um professor da escola pública consiga sobreviver tem que se desdobrar numa vasta jornada de trabalho e se deparar com condições de trabalho insatisfatórias e por vezes sofrer perseguições políticas internas quando quer inovar para melhorar o conteúdo de suas aulas ou criar novas formas mais criativas de passar o conteúdo exigido pelo "programa" além de estimular práticas alternativas mais reflexivas de aprendizado, já que o critério de se escolher um diretor da escola pública é, por vezes,

duvidoso. Pude observar a ingerência de ONGs patrocinadas por multinacionais opinando sobre o que deve e como deve ser ensinado sem nenhuma remuneração extra aos professores ou coerência com a prática do bem ensinar.

Transformar o estado em algo como um “negócio amigo” e importar modelos de negócios diretamente para as suas funções centrais, como hospitais e educação, combinado com uma ideologia rigorosa e implacável de responsabilidade final individual, são hoje, os indicadores de qualidade de vida. Uma vez mais o crescimento de empreendimentos com fins lucrativos como as Edison Schools, nos Estados Unidos, a standardização crescente e a tecnização no conteúdo dos programas de educação do professor, no sentido de que a reflexão social e a compreensão crítica sejam praticamente erradicadas dos cursos. A pressão constante para que o “desempenho” ocorra em nossas instituições de ensino de acordo com padrões impostos e, geralmente, reducionistas e demais fatores, são os efeitos que esta escalada de pressões constantes deixou no terreno da educação. (APPLE, 2005, p. 40)

As escolas públicas não podem ser tratadas como uma empresa, um país não é uma firma. Em um país existem problemas sociais que tendem a se agravar dependendo da falta de distribuição de renda. A melhor forma de começar a justiça social é investir honestamente nos serviços públicos, sem a mão invisível do clientelismo e da corrupção; o estado precisa ser o elemento regulador entre os interesses do povo e os interesses privados. Caso contrário, teremos enormes problemas sociais; desemprego e violência causados pela falta de oportunidades. Uma escola pública de qualidade trará uma maior justiça social, igualdade de oportunidades, uma população consciente de seus direitos e deveres e com maior responsabilidade com o meio ambiente. Um povo mais sadio e uma nação mais soberana. Somente uma nação que se respeita, será respeitada. A melhor forma de fazermos uma distribuição justa de renda é começar pela melhoria dos serviços essenciais e a educação é essencial. Por isso não podemos ceder à ganância de uma minoria que quer apenas auferir lucro dos bens públicos.

Em lugar de uma sociedade de cidadãos, com poder democrático para assegurar a eficiência e o uso correto dos recursos coletivos, e contando largamente com a confiança no setor público, surgiu uma sociedade de ‘auditores’, que se preparam ansiosamente para auditorias e inspeções. Desenvolveu-se uma cultura punitiva de ‘tabelas de aferições’ com a intenção de mostrar a eficiência relativa e/ou a ineficiência de universidades, escolas e hospitais. As agências de inspeção foram responsabilizadas por terem ‘envergonhado’ professores, escolas, departamentos de assistência social e por tê-los ‘nomeado’ de fracassados. Algumas firmas privadas foram convidadas

a assumir e ‘dirigir’ as instituições ‘fracassadas’. (APPLE, 2005, p. 39).

Muitos intelectuais progressistas que condenam e denunciam o neoliberalismo como uma forma de transformar todas as coisas, inclusive a educação, em mercadoria, são acusados pelos políticos e empresários neoliberais de tentar ideologizar a educação ao invés de usa-la na intenção de formar técnicos tão indispensáveis ao progresso econômico Brasileiro. O Brasil só está conseguindo chegar ao patamar de uma das maiores economias do mundo graças à exportação de comódites. Até quando sustentaremos esse ciclo econômico virtuoso se o Brasil não investir maciçamente na educação pública como um todo, e não somente na formação de técnicos para retirarem minério ou petróleo da terra ou fundo do mar? Como progredir verdadeiramente se não investirmos em cientistas que possam forjar uma ciência nacional? Pessoas com consciência nacional que possam transformar esses avanços científicos em ganhos para a população, brasileiros comprometidos com o IDH e não somente com o PIB, políticos comprometidos com o investimento desses recursos naturais em benefício da população e não somente em projetos de fachada, uma justiça que puna exemplarmente os desvios públicos e uma opinião pública esclarecida que saiba o que e a quem cobrar, para que a verba pública seja investida nas reais necessidades do povo. Tudo isso só vai ser conseguido com uma educação ampla do cidadão, com a erradicação do analfabetismo funcional e não apenas com a formação de técnicos com finalidades pontuais. As riquezas naturais se acabam, mas a herança cultural de um povo permanece.

As relações de mercado patrocinadas pelo capitalismo deveriam existir para financiar essas instituições, não o contrário. Assim, os mercados deveriam ficar subordinados à meta de se produzirem uma nação e um cotidiano, que fossem mais plenos e completos, em termos de democracia participativa. Já deveria ter ficado claro que uma concepção cínica de democracia, a venda, para os seus eleitores, manipulada e mercantilizada pelas elites políticas e econômicas, não proporciona, adequadamente, mercadorias do tipo educação básica e superior, informações objetivas, mídia e formas novas de comunicação acessíveis universalmente, bibliotecas públicas bem mantidas a todos, saúde pública e cuidados médicos universais. (APPLE, 2005, p.48)

Eric Hobsbawm (1994) comenta no seu livro “A era dos extremos” que o argumento de Reagan que o capital era bom e o governo era mau não tinha eco nem mesmo na sua própria administração, pois os gastos governamentais chegavam a 40%. Os próprios evangelizadores do neoliberalismo não conseguiam colocar em prática os seus sermões no seu próprio país (p.401).

Este capítulo teve por finalidade falar da necessidade de uma educação mais abrangente onde o limite da escola não seja a parede da sala de aula. Uma educação que provoque a inteligência e a criatividade do aluno para que ele não fique preso à educação bancária que coloca o conhecimento em sua cabeça como uma comódite. Teve também a finalidade de questionar a educação feita em cima do modelo neoliberal ao invés de fazer o aluno refletir sobre a realidade, criando novos conceitos e relacionando-os com o mundo em que vive. Denunciou o modelo educacional que cada vez mais se transforma em uma mercadoria de venda, destruindo as instituições públicas em favor dos interesses privados. Subjugando todas as coisas às leis de mercado.

### CAPÍTULO III

#### A EDUCAÇÃO DIALÓGICA EM OPOSIÇÃO A EDUCAÇÃO FRAGMENTADA

Esse capítulo pretende questionar a educação fragmentada, onde as disciplinas são ensinadas como se uma não tivesse nada a ver uma com a outra. Discutirá a interdisciplinaridade como uma forma de facilitar o entendimento da realidade multifacetada em que vivemos.

Esse mundo fragmentado e caótico em que estamos vivendo, exige um novo olhar, uma nova compreensão. O que podíamos classificar: isso aqui é matemática, isso aqui é química, isso aqui é geografia, ficou mais difícil, pois para entendermos o mundo de hoje temos que olhar sob a ótica das várias disciplinas existentes e até mesmo das não existentes. No grande mosaico urbano tudo se mistura como numa grande obra post moderna. Um exemplo disso é o restaurante de comida a quilo: Se mistura quibe com feijão, sushi com canjiquinha, linguiça com salmão. Cartazes luminosos no centro das cidades anunciam os mais diferentes tipos de serviço. O mundo está inevitavelmente globalizado e as coisas não fazem mais sentido, ou para ser mais exato fazem outro sentido. Como compreender isso tudo por meio de fórmulas ou enquadrar todas essas variedades em algum antigo paradigma que aprendemos em nossa vida escolar? O mundo nos apresenta um novo desafio. A terra nunca parou de girar, embora o ser humano busque acomodar tudo que existe dentro de conceitos que são quebrados a todo instante. Torna-se necessário dialogar com o mundo, torna-se necessário viver a cada dia uma nova experiência no eterno desconforto de estar aprendendo algo que com certeza não será definitivo.

É necessário, portanto, além de uma interação entre teoria e prática que se estabeleça um treino constante no trabalho interdisciplinar, pois a interdisciplinaridade não se ensina nem se aprende, apenas vive-se, exerce-se. A Interdisciplinaridade exige um engajamento pessoal de cada um. Todo indivíduo engajado nesse processo será, não o aprendiz, mas, na medida em que familiarizar-se com as técnicas e quesitos básicos o criador de novas estruturas, novos conteúdos, novos métodos, será motor de transformação ou o iniciador de uma feliz liberação. (FAZENDA, 1998, p. 56).

Acabou a velha hierarquia do professor da educação bancária que fica na frente do quadro negro passando conceitos que deveriam ser copiados, decorados e assimilados. A educação é uma tarefa que precisa ser desempenhada em conjunto. O mundo deve ser pesquisado e descoberto conjuntamente entre professor e aluno. A sala de aula ficou pequena para caber todo um universo de descobertas, conflitos, filosofias. A sala de aula é o mundo, com todas as suas complexidades, e as disciplinas, instrumentos para nos ajudar a analisar esse mesmo mundo que muda a cada dia. A perplexidade que era uma coisa negativa na educação fragmentada pode ser um bom começo, um problema pelo qual estejamos passando em casa ou vivendo em nosso dia a dia, pode ser um bom tema para uma reflexão maior a respeito da contemporaneidade. Comportamentos de rebeldia da juventude podem ser um bom motivo para entendermos de que forma esse admirável mundo novo está atuando sobre os nossos jovens. Temos que transformar fracassos em aprendizagens e não somente acumular conteúdos pré-estipulados como se eles tivessem resposta para tudo, mais do que nunca temos que admitir que o aprendizado se faz na experiência e no diálogo do conhecimento já testado, com o sentimento do mundo.

Pela proximidade dos problemas tratados com as experiências cotidianas, é possível, também através de uma atitude interdisciplinar a manutenção de um interesse e curiosidade constantes, já que é mais motivador tratar de problemas que se estejam vivenciando. (FAZENDA, 1998, p.44)

A fragmentação do ensino surgiu com a necessidade de estudar detalhadamente cada disciplina. Nessa fragmentação existe sim, como pontua o professor Hilton Japiassú (1998), uma forma de ver a ciência como um produto social. Existe prostituição, neuroses, estratificações, mentiras, ódios etc. A ação pedagógica não pode ser o recipiente exclusivo de um saber racional. Não existe um porto seguro, o que se aprende hoje pode não ser mais atual no ano seguinte. A verdade não pode ser oferecida como algo acabado. Dentro da visão do aprendizado constante não se pode cristalizar o conhecimento. Uma opção crítica do aprendizado tem que nascer de uma boa pergunta e não de uma resposta que pretenda explicar tudo e dar o caso por encerrado, criando nos educandos a sensação da ilusão da verdade. Há que se desdogmatizar o ensino para que os alunos não tenham receio de questionar aquilo que é dado como líquido e certo. O professor não é o dono da verdade, mas aquele que vai buscar junto com o aluno a melhor forma de compreender os mistérios do mundo. O hermético não é o mais profundo. A arte do professor está em tentar explicar da forma mais simples possível



os problemas mais complexos que possam surgir numa relação com as várias faces que o mundo apresenta e ampliar seus conhecimentos por meio não somente do material didático disponível, mas também buscando respostas nas dúvidas que irão surgir por parte dos alunos, às vezes fora da sua área de domínio.

O homem está no mundo pelo próprio fato de estar no mundo, ser agente e sujeito do próprio mundo, e deste mundo ser múltiplo e não uno, torna-se necessário que o homem o conheça em suas múltiplas e variadas formas para que possa compreendê-lo e modifica-lo. Nesse sentido o homem que se deixa encerrar em uma única abordagem do conhecimento, vai adquirindo uma visão deturpada da realidade. Ao viver encontra uma realidade multifacetada, produto desse mundo e evidentemente mais oportunidades terá em modifica-la, na medida em que a conhecer como um todo em seus inúmeros aspectos. Para que isso ocorra, é necessário, sobretudo que haja uma preparação. Essa preparação, que inicialmente tomou o nome de Paidéia (formação do homem total), passou a ser uma formação dividida, produto da ocidentalização com seu conseqüente aumento do saber e a necessidade de criar-se um sistema de educação (família, igreja, escola, etc.) dando a cada um o seu papel. (FAZENDA, 1998, p. 47).

Os computadores são usados numa comunicação imediata, os jovens estão falando uma outra língua. Quando vão para a escola se deparam com um ambiente anacrônico para eles: giz, quadro negro, etc. Algumas escolas vêm tentando acompanhar os novos tempos, computadores cada vez mais sofisticados são inventados e colocados no mercado, Steve Jobs virou o Herói da era da informática, cantado em prosa e verso pela mídia e pelos internautas. Na internet vemos de tudo, desde informações educativas a pornografia. Foi aberto o mundo da liberdade aparente. Se eu tenho um celular com acesso à internet, sou uma pessoa livre. Uma pergunta surge na cabeça de pais e educadores: Como lidar com essa situação? Não podemos impedir a informação que vem em forma de bombardeio por todos os lados e nem tampouco selecionar, pois os mesmos computadores que os alunos pesquisam as matérias da escola, por meio do *facebook* e outros sites, têm acesso ilimitado a organizações neonazistas, gangs e pessoas de todos os tipos. Se a escola não for reformulada por meio de uma discussão interdisciplinar onde cada especialista contribuirá com o seu conhecimento, onde pretendemos chegar? Como usar essa anarquia informática ou desinformática a nosso favor? Como Marshal McLuhan profetizou: O meio é a mensagem<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Em co-autoria com Quentin Fiore, McLuhan publica em 1967 uma obra com o título, *The Medium is the Message: An Inventory of Effects*, Harmondsworth: Penguin.

- A) Inicialmente o objetivo é de permitir aos estudantes melhor desenvolver suas atividades, melhor assegurar sua orientação, a fim de definir o papel que irão desempenhar na sociedade.
- B) É também necessário que “aprendam a aprender”
- C) É importante que se situem no mundo de hoje, criticando e compreendendo as inumeráveis informações que os agridam cotidianamente.

Torna-se fundamental um enfoque interdisciplinar pelas razões acima enumeradas, pois somente ele irá possibilitar uma certa identificação entre o vivido e o estudado, desde que o vivido resulte da inter-relação de múltiplas e variadas experiências.

A possibilidade de situar-se no mundo de hoje, de compreender e criticar as inumeráveis informações que nos agridem cotidianamente só pode acontecer na superação das barreiras existentes entre as disciplinas. A preocupação com a verdade de cada disciplina seria substituída pela verdade do enquanto ser no mundo. (FAZENDA,1998, p.42)

O professor de química, Josias Reis (2007), conta sua experiência:

A avaliação era feita procurando saber o que o aluno havia memorizado e o desafio era se ele tinha respondido a questão como o professor ensinou e não como ele havia compreendido o assunto lecionado, isto significa que qualquer outra resposta diferente do conceito formulado em sala de aula, geralmente extraído de um livro didático, era desconsiderada na correção. Recentemente, durante uma reunião departamental ocorreu uma situação que bem demonstra este paradigma, ou seja, o divórcio entre aprender e ensinar considerado normal pela maioria dos professores presentes. Dois professores lecionando a mesma disciplina, em turmas diferentes, resolveram formar uma banca para correção da prova. Considerando tal atitude um “avanço pedagógico”, chegaram a ser elogiados pela coordenadora do curso, considerando a “inovação corajosa e arrojada”. Descrevendo a ação desenvolvida, relataram um “pequeno desvio”, ou seja, uma das questões que arguia um determinado conceito comum as duas provas, estavam com notas muito diferentes numa das turmas. Devolvida as provas para uma revisão concluíram que o erro não era erro, mas simplesmente uma falha na correção, ou seja, um dos professores adotou para a correção um conceito que o outro não considerava correto. Foi feita então a revisão das notas, considerando certo o que o outro havia considerado errado e nada mais a ser discutido ou corrigido. A questão do aprendizado, que compreendemos só ocorrer se for legitimado pelo estudante, não foi levado em consideração nessa relação professor-aluno, ficando também evidente que a única forma de raciocínio avaliado neste exemplo, além da capacidade em adivinhar o que vai cair na prova, foi a memorização de conceito e não a compreensão do texto e a construção do Conhecimento. (REIS, 2007, p.11)

Cada vez mais, a informação está sendo confundida com conhecimento, pelo visto as ferramentas mudaram, mas as formas de se abordar o conteúdo continuam as mesmas, estamos formando robôs especialistas que possam servir a um sistema sem questioná-lo. O exemplo dado pelo professor Reis é um exemplo típico da educação bancária. Essas respostas dadas de forma automática, são facilmente esquecidas depois da prova, pois o aluno não incorporou o conhecimento e nem teve raciocínio crítico em relação a ele. O educando está de posse de uma peça de um quebra cabeça, mas não sabe como encaixá-la no cada vez mais complexo mosaico do conhecimento. O que vale uma nota dez sem compreensão? O que vale responder uma prova sem entender o porquê estar aprendendo aquilo e onde irá usar em sua vida? O que adianta um aprendizado distanciado da vida? Não é à toa que os jovens estão cada vez mais perdidos e sem perspectiva em relação ao futuro. Esse modelo bancário não contribui para o esclarecimento. Existe uma dicotomia cada vez maior entre o mundo da escola e o mundo lá fora.

A primeira condição de efetivação da interdisciplinaridade é o desenvolvimento da sensibilidade, nesse sentido tornando-se particularmente necessária uma formação adequada que pressuponha um treino na arte de entender e esperar, um desenvolvimento no sentido da criação e da imaginação. A importância metodológica é indiscutível, porém é necessário não fazer-se dela um fim, pois interdisciplinaridade não se ensina nem se aprende, apenas vive-se, exerce-se e, por isso, exige uma nova pedagogia, a da comunicação. (JAPIASSÚ *In* FAZENDA, 1998 p. 8).

Diante de toda essa problemática que a educação nos impõe nesses tempos de computadores, informações fragmentadas, falta de perspectiva da juventude, desemprego, falsas promessas de um mundo moderno que dará resposta a tudo por meio de uma nova tecnologia, torna-se urgente uma nova formação de professores com uma base humanística. É fundamental que os professores das várias disciplinas trabalhem em conjunto e busquem um elo entre elas. Não é mais possível um ensino que coloque o aluno numa linha de montagem para servir a interesses egoístas que pregam uma sociedade do consumismo e do salve-se quem puder. O professor nessa nova era não pode ser apenas aquele que copia no quadro a matéria e depois dá uma prova para saber se aquilo que ensinou foi entendido segundo suas normas. Ser professor é uma ótima chance de voltarmos a ter uma nova educação na convivência com os alunos.

A introdução da interdisciplinaridade implica simultaneamente numa transformação profunda da pedagogia e um novo tipo de formação de professores, caracterizando-se esta por uma mudança na atitude e na relação entre quem ensina e quem aprende. Passa-se de uma relação pedagógica baseada na transmissão do saber de uma disciplina ou matéria – que se estabelece segundo um modelo hierárquico linear – a uma relação pedagógica dialógica onde a posição de um é a posição

de todos. Nesses termos, o professor passa a ser atuante, o crítico, o animador por excelência. Sua formação substancialmente modifica-se: ao lado de um saber especializado (nesse sentido concorreriam todas as disciplinas que pudessem dota-lo de uma formação geral bastante sedimentada), a partir, portanto de uma iniciação comum, múltiplas opções poderão ser-lhe oferecidas em função da atividade que irá posteriormente desenvolver. Cada uma destas opções poderá compor-se de um grupo de disciplinas homogêneas quanto a seu método e objeto por exemplo. (FAZENDA, 1998 p. 55).

Esse capítulo se propôs a pensar a interdisciplinaridade como uma forma alternativa a educação bancária, contribuindo assim, para uma visão mais ampla e menos fragmentada do mundo por parte do educando. Uma visão que lhe permita entender e questionar o mundo em que vive, relacionando as disciplinas umas com as outras no sentido de entender as suas inter-relações.

## CAPÍTULO IV

### O PROFESSOR DE MÚSICA CAINDO DE PARAQUEDAS NA SALA DE AULA DE UMA ESCOLA REGULAR

Nesse capítulo contarei a minha experiência em sala de aula, as barreiras na qual me deparei e os caminhos que encontrei para trazer a música para o universo dos alunos, relacionando-a com o cotidiano por meio da experiência estética.

No estágio realizado na escola luz do sol<sup>5</sup> com duração de seis meses (uma hora e meia por semana), apresentou-se inicialmente como uma experiência difícil, ao ver meus colegas chamando a atenção dos alunos para a disciplina que tentavam ensinar a qualquer custo, bolando estratégias e por vezes se desesperando ao ver que os alunos não compreendiam porque tinham que estudar música. A sensação de estar perdido era intensa. Era difícil de entender porque quando entrávamos na sala de aula, a professora regular ou se retirava ou ficava em sala de aula para dar apenas um apoio moral. Sofríamos ao ver que nós, alunos de licenciatura em música, estávamos tentando passar para os alunos da escola regular algo que para nós era tão precioso e não víamos a mesma receptividade dos alunos. Nessa hora passam várias perguntas pela cabeça: Os alunos não merecem algo tão nobre como a música? Nós estamos tentando ensinar alguma coisa que o estado não vê como algo sério? Caímos de paraquedas dentro de uma instituição para fazer algo que só é aceito porque é lei? Realmente à primeira vista isto nos decepciona um pouco. Como nós, artistas de sensibilidade, somos levados tão pouco a sério pelo sistema de ensino?

No entanto, ocorreu a oportunidade de conhecer uma professora regular diferenciada. Ela achava a arte importante para o desenvolvimento humano dos alunos. Para ela os alunos não faziam parte apenas das estatísticas, cada um tinha um potencial criativo que tinha como ser explorado, mas isso não podia ser feito de uma forma padronizada. A professora tem um projeto chamado “poesia em sala de aula” e da forma dela conseguia mover o interesse da turma por meio das palavras e do desenho. Diante dessa abertura, surgiu naturalmente, a ideia de colocar a música nesse projeto. Porque ao invés de tentar ensinar escalas ou ritmos

---

<sup>5</sup> Nome fictício que escolhi para preservar o anonimato da escola.

musicais isoladamente, não se tentava criar uma forma de musicalizar aqueles desenhos e palavras?

Partimos então para a experimentação. A princípio usamos algumas músicas que eu havia gravado, e os alunos entusiasmadamente interagiram fazendo desenhos e criando frases próprias em cima da letra das minhas canções. A barreira havia sido quebrada. A professora regular estava profundamente envolvida no trabalho artístico, os alunos orgulhosos e estimulados por estarem pertencendo a uma atividade criativa que não vinha mais de cima para baixo. Com o tempo fomos criando poesias exclusivas para o trabalho e a professora colocando os alunos para refletirem a respeito, questionarem, apoiarem ou proporem outro tema. Em conversa com a professora regular pensamos numa forma de criação um pouco mais heterodoxa. Depois de muito pensarmos, surgiu uma ideia que passo agora a descrever:

#### **4.1 - Experiências com trabalho de interdisciplinaridade**

Era o mês de março de 2011, início das aulas, e no verão passado havia caído uma tempestade que destruiu a região serrana do estado do rio. Muita gente havia morrido ou ficado sem suas casas por descaso das autoridades e por falta de informação. As áreas das margens dos rios tinham sido ocupadas irregularmente, o lixo era jogado em lugares indevidos, casas eram construídas na beira dos barrancos. Foi usado, então, esse acontecimento como tema para um trabalho: foi retirado do youtube um barulho de tempestade, gravado em um cd, colocado no som da sala de aula e pedido para que os alunos fechassem os olhos e imaginassem algo que colocariam no papel. Poderia ser um desenho, uma história ou as palavras que quisessem dizer. Embora o esperado, na proposição da atividade, fosse o trabalho com a enchente. Pela cabeça dos alunos não passou enchente, tragédia ou coisa parecida. Uns escreveram que a chuva é muito boa pra namorar e outros falaram que a chuva é legal pra poder nadar. A professora começou a estimular a construção de uma estória conjunta. Mas antes que a estória fosse construída, foram feitas algumas perguntas para tentar aprofundar a discussão. Perguntamos se na comunidade onde moravam, não havia caído nenhum barraco quando as chuvas fortes chegaram. Muitos se pronunciaram, dizendo que alguns barracos haviam desabado sim, algumas famílias haviam sido soterradas e que não se devia jogar lixo em lugares inadequados. Com essas informações, na continuidade do trabalho foi proposto que fosse composta uma música falando tanto da história que haviam

criado como dos perigos inerentes à chuva numa comunidade que em geral as casas são construídas sem a menor segurança. A professora aproveitou o tema em sua aula de geografia, falou da devastação das florestas, do aquecimento global e foi feito um manifesto que foi lido antes da apresentação da música no final do semestre.

Depois desse experimento, usando motivos do cotidiano como tema, abriu-se uma possibilidade muito interessante. Por meio da experimentação e métodos musicais que provoquem a inteligência e criatividade do aluno, podemos abrir um novo universo para o pensamento desse adolescente que começa a ver o mundo de uma forma crítica. A ludicidade da criação e o prazer da música podem vir antes de qualquer ensinamento teórico sobre a matéria. O professor de música, usando a própria criação autoral do aluno, pode passar noções de ritmo, intensidade, timbre, melodia, andamento e outros fundamentos musicais, além de dar exemplos musicais que o aluno desconhece introduzindo-o em um mundo que ainda desconhece. A interação da música com as outras artes facilita a compreensão da música. Usar ruídos do dia a dia fará com que o aluno perceba que os sons vão muito além de uma canção de roda, embora a mesma também faça parte do universo musical. Faze-lo criar livremente desmistificará a noção que a música é feita apenas para quem tem o dom. Uma visão criativa e sem preconceito do educador musical, chamará para si a curiosidade e interesse do aluno. A música não pode ser vista como algo intocável, isolada do resto das outras disciplinas. A música não é propriedade privada dos músicos ou gênios e o papel da escola regular não é procurar talentos que serão reconhecidos internacionalmente embora isso também possa ser feito. A música é uma linguagem que deve dialogar com outras expressões e porque não, de forma interdisciplinar com a ciência? Por meio desse diálogo, quem sabe, não consigamos nos aproximar do entendimento dessa realidade, ou seja, um mundo que não carece apenas de um entendimento racional, mas de um entendimento sensível, um entendimento que entre por todos os sentidos. A professora Mônica Duarte na sua tese de doutorado afirma que:

No caso da escola de ensino regular, por exemplo, todas as disciplinas escolares põem-se no interior de alguma doutrina sobre o seu papel na formação dos educandos e por aquela doutrina elas tem maior ou menor valor educativo. No caso da música, no Brasil, o seu valor educativo precisa ser demonstrado, pois as doutrinas que permeiam as decisões a respeito dos currículos não a consideram útil, uma vez que o critério usual é o da utilidade imediata ou futura de alguma disciplina escolar (“para que serve?”) É provável que os professores de música precisem valorizar a música no contexto dos debates sobre

a pertinência da disciplina na escola, pois esta é a condição do seu ensino.(DUARTE, 2004, p.61)

Essas doutrinas que permeiam as decisões dos currículos, como diz a professora Mônica, são extremamente duvidosas, pois o conceito de utilidade é relativo. A música tem um valor intrínseco em si mesmo. Não podemos ver a música de forma utilitarista. Imagine se todas as rádios parassem de tocar música, se todas as orquestras sucumbissem, se todos os cantores parassem de cantar, se todos os músicos parassem de tocar. Imaginem um mundo mudo, totalmente sem som. A música não pode ter o seu valor medido da mesma forma que se mede a importância de uma ponte de metal ou o valor de uma comódite qualquer. A música tem um valor espiritual incalculável assim como um quadro de Van Gogh ou uma escultura Rodin ou uma obra de Bach. A música assim como qualquer outra arte possui o valor simbólico. Se a utilidade de alguma coisa é mensurável pelo valor financeiro que tem, não seria o próprio dinheiro algo de valor simbólico que só pode ser medido por aquilo que ele pode comprar? Sendo assim, existiria algo que vale mais que a vida? Se a arte só pode ser feita por pessoas vivas e permanece viva após a morte de quem a fez, haveria algo com maior valor simbólico que a arte? Basta ver o cuidado com que os países desenvolvidos têm com suas obras de arte.

O valor da arte não está na sua utilidade prática, mas no seu grande valor subjetivo. O aluno que compreender isso talvez esteja credenciado a compreender as sutilezas do mundo que o cerca, por isso a arte é perigosa. Ela não se encerra numa conta exata, mas lança luz sobre inúmeras questões, algumas que talvez sejam mais convenientes para o estado, que permaneçam invisíveis. A grande reforma urbanística de Paris no meio do século XIX seria possível sem a denúncia das condições de pobreza em que vivia o povo, por meio dos pintores realistas? O final da famigerada guerra do Vietnã seria possível sem o movimento pacifista protagonizado por intelectuais e artistas de todas as artes? As “diretas já” no Brasil seria possível sem a tomada de consciência da população que a ditadura era uma impostura, sem a motivação das letras da música popular brasileira? “Uma sociedade totalmente criativa seria uma sociedade anárquica. A possibilidade de todas as sociedades de se tornarem auto realizadas permanece, entretanto, pequena, devido ao temor persistente a ações originais de qualquer espécie” (SHAFER, 1986, p. 279).

Em toda a história da arte, as artes dialogaram entre si. Debussy, com sua catedral submersa tentava representar um quadro através dos sons, Ravel com sua obra “Pavana para



uma infanta defunta” tentou o mesmo com um quadro de Velásquez, Kandinsky e os sons que em sua sensibilidade sinestésica representavam cores, a própria ópera de Wagner, que pretendia ser uma arte total, a arte de Pollock que dialogava com o Jazz, a obra de Andy Warhol que servia a capa de grupos pop, são provas disso. A música nunca foi algo a parte, uma arte isolada, assim como nenhuma ciência o é. Então, porque não juntar os saberes? A ciência precisa da arte e a arte da ciência. Nada vive isolado nesse mundo. Então, porque ensinar a música isolada das outras disciplinas? O que vai importar para uma criança do ensino fundamental que não pretende seguir os caminhos da música embora goste dela, o que é dó, ré, mi, fá, sol, lá, si? Ela quer escutar o som, ela quer interagir com o som, cantar, desenhar escutando música, dançar, representar e colocar sua energia em algo que ela possa participar de forma criativa e não apenas entender intelectualmente, para isso já existe a matemática.

Posso contar a minha experiência pessoal: Quando entrei pela primeira vez numa aula de música numa escola regular, o professor começou a querer passar para nós teoria musical, achei tudo muito chato. Anos depois, esse mesmo professor que viria a se tornar o meu melhor amigo na escola, me chamou junto com mais uns dez alunos e propôs que cantássemos um cânone simples, mas que suave divinamente, foi contando para nós como aquilo havia surgido, como era o mundo no tempo daquela música, e foi despertando a paixão pelos sons dentro de mim. Aquilo que por meio da teoria era intragável, associado à história, a experimentação, a outras artes da época, a possibilidade de nós mesmos nos tornarmos criadores foi dando um sentido diferente dentro de mim e abrindo a minha mente e o meu coração para algo que ensinado de outra forma seria inaceitável.

#### **4.2 Duas propostas de musicalização que podem ser interdisciplinares:**

Os métodos de musicalização mais adequados para o que estamos propondo com esse trabalho são: O método da paisagem sonora de Shafer (1986) e o método Orff que obtive por meio do trabalho da professora Diana Aragão (2011) disponibilizado na internet, além das aulas do professor Helder Parente na Unirio. O método de Murray Shafer privilegia os sons da natureza no processo de percepção musical enquanto o método Orff possibilita aos alunos, sem nenhum conhecimento teórico, a comporem melodias para frases compostas por eles mesmos.

Um livro que influenciou esse trabalho é o livro de Murray Shafer (1992), “O ouvido Pensante”, pois é um método que pode ser empregado para todas as crianças do ensino fundamental independente de talento musical. É um método que provoca a percepção do aluno e coloca os sons da natureza ou sons artificiais da modernidade na mesma hierarquia das notas musicais. Utilizamos esse recurso quando queremos que os alunos construam no papel, frases e desenhos sobre um determinado tema do dia a dia fazendo-os pensar sobre o que acontece no seu cotidiano, colocando no papel o desenho que o som sugere para aquela pessoa.

Shafer trabalha em formas, sejam elas verbais gráficas ou sonoras. Sua composição explora sons da natureza, sons da neve, da água, do fogo, sons de sinos, sons de luar, sons inusitados, sons do cotidiano. Shafer resgata sons que não ouvimos mais ou por terem desaparecido, substituídos pelos sons progressistas das novas invenções, ou por estarem tão arraigados ao nosso dia a dia que já não são tão percebidos no nosso dia a dia, pois fazem parte do pano de fundo que constitui o nosso cenário ambiental, sons que fazem parte da enorme massa que hoje compõe o universo sonoro contemporâneo. (...) A proposta de Shafer não é dirigida a alunos especialmente dotados, mas a toda a população, independente de talento, faixa etária ou classe social. Além disso, Shafer preocupa-se em partir dos elementos mais simples, das observações mais corriqueiras; De quantos modos diferentes pode-se fazer soar uma folha de papel? Ou as cadeiras de uma sala de aula? Como sonorizar uma história de modo a torna-la reconhecível apenas por seus sons? Como construir uma escultura sonora? (FONTERRABA *In* SHAFER, 1986, p. 10)

Outro método de musicalização que pode ser desenvolvido junto com as oficinas interdisciplinares é o método Orff, onde os alunos criariam melodias para as frases de sua autoria ou outras melodias que pudessem ser a trilha sonora de seus desenhos usando os instrumentos Orff (1924). Os fragmentos sonoros criados pelos alunos poderiam ser o material de uma composição organizada pelo professor juntando os pedaços dos vários pensamentos dentro de uma música para ser cantada e tocada por toda a turma, cada um dentro de suas limitações musicais. O importante seria a participação de todos numa construção criativa feita por todos.

O trabalho de Orff é baseado em atividades lúdicas infantis: cantar, dizer rimas, bater palmas, dançar e percutir em qualquer objeto que esteja à mão. Estes instintos são direcionados para o aprendizado, fazendo música e somente depois partindo para ler e escrever, da mesma forma como aprendemos nossa linguagem. Orff busca “desintelectualizar e destecnizar o ensino da música, acreditando que a compreensão deve vir depois da experiência - esta sim, a base do processo”. Os poemas, rimas, provérbios, jogos, ostinatos, canções e danças usados como exemplos e como material básico podem ser

tradicionais, folclóricos ou composições originais. Falado ou cantado, o material pode ser acompanhado por palmas, batidas com os pés, baquetas e sinos. Existem também os instrumentos especiais para o método, que são xilofones de madeira e glockenspiels que oferecem como atrativo a facilidade de se controlar as notas disponíveis (é só remover uma ou mais placas) e também a produção imediata do som. A experiência melódica parte da terça menor para a pentatônica, passando depois à hexatônica com a inclusão do quarto grau, e somente então trabalhando a sensível. Destina-se a todas as crianças, não buscando os talentos privilegiados. Há um lugar para cada criança, e cada um contribui de acordo com sua habilidade. Muitos de seus alunos não tinham qualquer conhecimento musical prévio - por isso ele enfatizava o uso de sons e gestos corporais para expressar o ritmo, e a voz como primeiro e mais natural dos instrumentos. Importantes também eram os tambores, em toda a sua vasta gama de tamanhos, formas e sons. Ele também utilizava o ostinato (padrão rítmico, falado ou cantado, que se repete) como elemento que dava forma às improvisações. As aulas têm um ambiente não competitivo, onde uma das maiores recompensas é o prazer de fazer boa música com os colegas. Somente quando as crianças sentem vontade de anotar o que elas inventaram é que se introduz a escrita e a leitura. A improvisação é introduzida logo nos primeiros estágios, de forma orientada e controlada - os meios são limitados, e os alunos manejam criativamente, dentro de diversas propostas, elementos que já foram trabalhados. A criação representa uma experiência musical prazerosa que deverá continuar por toda a vida. A aprendizagem só faz sentido se trazer satisfação para o aprendiz, e a satisfação vem da habilidade de usar o conhecimento adquirido para criar. Tanto para o aluno como para o professor, a metodologia Orff é um tema com infinitas variações. (GOULART, 2012, n.p.)

A nossa proposta é que o ensino das artes deve ser dado de forma interdisciplinar junto com os professores de outras artes e com a inclusão da professora regular que estaria com os alunos na maioria do tempo. O sentido do trabalho com a música poderia colaborar com a compreensão desse mundo multifacetado que se apresenta a nossa frente como algo que fascina, mas também confunde a cabeça das crianças. Não é mais possível tentar disciplinar a nova geração sem entendê-la. Há que se negociar. A realidade está aí, colocada de forma fantasiosa na tela de qualquer computador. Tudo é aparentemente possível na telinha. Como a escola enfrentará esse desafio? Como as artes podem nos ajudar a compreender esse mundo secreto da nova geração para que possa nascer um diálogo em novos moldes? O que uma criança não fala abertamente ao responder uma pergunta inquisitorial feita pelos pais ou pela escola, pode responder por meio da arte, por isso é importante incentivar todas as formas de expressão trabalhando em conjunto. A nova geração está por aí comunicando-se entre si ou

num computador caseiro ou numa lã house criando seus próprios códigos. Porque não tentar entender esses códigos antes de querer impor outros?

De algum lugar, no meio da sessão do desenvolvimento da paisagem sonora mundial, vamos ouvir cuidadosamente os temas, e tentar chegar onde elas estão nos levando. “Tomando a definição da música de Cage como “sons à nossa volta”, não é importante se estamos dentro ou fora da sala de concerto” (...) o constrangedor mundo de sons à nossa volta, tem sido investigado e incorporado à música produzida pelos computadores de hoje. A tarefa do educador musical é, agora, estudar e compreender teoricamente o que está acontecendo em toda parte, ao longo das fronteiras da paisagem sonora em todo mundo. (SHAFER, 1986, p. 187).

Já na década de 1980 Shafer chamava a atenção para um novo mundo sonoro que estava por vir que levava em conta todos os ruídos e que a nova música já estava incorporando esses ruídos. Numa aula de música não podemos deixar de lado o som da britadeira na rua ao lado, as buzinas dos automóveis, o som dos passarinhos, da voz dos transeuntes que passam falando alto pela calçada. Todo esse material sonoro pode ser incorporado em um trabalho interdisciplinar com outras artes. Os sons podem ser gravados e selecionados pelo professor de música e por meio dos sons, ser criada uma estória e essa mesma estória ser representada. O professor de música pode gravar e selecionar o som, a professora regular pode propor uma redação criada a partir dos sons, o professor de artes visuais pode ajudar na técnica da representação pictórica e a professora de teatro contribuir na representação cênica. Se quisermos ir além, uma psicóloga poderá analisar o trabalho e desse esforço conjunto termos uma amostra do pensamento dessa nova geração que se junta clandestinamente em tribos de internautas ou grupos post modernos como: *góticos*, *emos*, *skin reds*, *punks* etc.. Há um campo enorme para ser desbravado. Há um mundo novo se formando e temos que descobri-lo antes de virarmos peças obsoletas nessa revolução virtual feita a cada minuto por pessoas cada vez mais jovens, com uma experiência própria de vida.

A síndrome do gênio na educação musical leva frequentemente a um enfraquecimento da confiança para as mais modestas aquisições. Talvez alguns dos mais excelentes recursos musicais possam ser resultado da limitação da inteligência humana e não da inspiração. Por exemplo, aceita-se geralmente que o *organum* medieval (cantado em quartas e quintas paralelas) tenha surgido quando alguns membros do grupo de cantores enganaram-se quanto a altura das notas do canto chão. Da mesma forma, é senso comum que o cânone nasceu quando algumas vozes se atrasaram, ficando atrás das vozes principais. Se isso for verdade, podemos concluir que o *organum* foi invenção dos

desafinados enquanto o cânone foi dos lerdos. (SHAFER, 1986, p.280)

Para os alunos que não vão seguir necessariamente o caminho das artes, essa experiência criativa interdisciplinar, poderia contribuir para uma nova visão de vida. A escola pública não pode ter como finalidade principal formar novos artistas, para isso existem os projetos de extensão e as escolas especializadas. A procura do ensino das artes na escola regular deve ser a formação de cidadãos mais comprometidos com a sensibilidade humana e quiçá termos no futuro, médicos, engenheiros, economistas, políticos etc. que compreendam o poder transformador da educação na sociedade como um todo. Profissionais com uma visão ampla da sociedade e não somente da sua especialidade, que compreendam que assim como na música, a vida na terra também depende de harmonia e assim como na arte, é necessário combinar equilibradamente tudo que nos rodeia.

Erros foram cometidos. Com frequência e admiti ser observado errando em público. É claro que não procurei por isso, mas é da natureza do trabalho experimental haver erros algumas vezes, pois, quando uma experiência é bem sucedida, ela deixa de ser experiência. Se o objetivo da arte é crescer, precisamos viver perigosamente; essa é a razão porque digo a meus alunos que os seus erros são mais úteis que os seus sucessos, pois um erro provoca mais pensamentos e autocrítica. Uma pessoa bem sucedida, em qualquer campo, é muitas vezes alguém que parou de crescer. Às vezes não sabemos o que é um fracasso e o que é um sucesso. O que um professor acha que foi um fracasso pode ser considerado um sucesso por um aluno, embora o professor possa não saber disso até meses ou anos mais tarde. (SHAFER, 1986, p. 282).

A experiência com várias formas de expressão pode levar a discussões inesperadas. Ao se propor uma atividade artística, os caminhos para se realizar essa atividade podem passar por temas que a princípio não tenham nada a ver com a atividade proposta. Sem problemas, dependendo da relevância do assunto que surja espontaneamente da curiosidade dos alunos, podemos desviar do caminho proposto e eleger um novo foco. Uma vez sugeri a turma um determinado tema que na minha cabeça seria relevante, os alunos não compartilharam da minha opinião e tive que negociar outro tema que ao mesmo tempo estava de acordo com o que eu queria e vinha ao encontro do interesse dos alunos. A educação artística possui esta plasticidade. Temos que estar atentos a isso, pois o que achamos interessante nem sempre interessa aos alunos. Se achamos importante discutir um

determinado tema com os alunos mesmo depois de rejeitado por eles, temos que fazê-los entender essa importância. Se não conseguirmos, é porque ainda não chegou a hora ou mesmo o tema não tem a relevância que pensávamos ter.

Vivemos numa época interdisciplinar e frequentemente ocorre que uma aula de música recaia em outro assunto. Nunca resisto quando isso acontece. Por exemplo, quando formo os grupos, em geral solicito a classe em, digamos, quatro grupos do mesmo tamanho. Geralmente isso leva algum tempo. Coloco então um relógio á frente deles e peço para se apressarem. Em certa ocasião, essa atividade levou vinte minutos, com meninos de doze anos. Perguntei então a eles quanto tempo achavam que levariam se eu mesmo os tivesse dividido em grupos. Talvez vinte segundos? Isso lhes sugere alguma diferença entre democracia e ditadura? Ditadura é mais rápido e por isso melhor? Não! E começamos uma discussão do porque não. (SHAFER, 1986, p. 302)

Numa democracia de fato e de direito temos que aprender a ouvir a voz do outro, mas nem por isso deixar de sugerir outras visões, outras experiências; temos que ser a luz e não o chicote. Acho que o trabalho do professor de artes pode se tornar muito mais interessante quando ele utiliza jogos criativos e apresenta formas de linguagem que não estão no cotidiano dos alunos, além de apresentar os clássicos e contextualizá-los dentro da história, recomendar leituras, levar os alunos aos concertos, exposições e teatro, formando plateias para a arte e cidadãos que vão respeitar a criação e a criatividade, em todos os sentidos. Se faz necessário também, escutar o que os alunos têm a dizer, antes de propor algum trabalho criativo, para saber como conduziremos a nossa prática. Resumindo: criar por meio de um tema relevante para os alunos, apreciar, contextualizar e expressar. A diretriz educacional do mundo real em nosso país, embora isso seja negado em discursos oficiais e parâmetros curriculares, são voltados para engrossar as estatísticas e formar peças de uma linha de montagem que vai fazer o sistema funcionar sem ser questionado. O trabalho do professor das artes não pode ser visto apenas pelo prisma disciplinador e técnico. Ele precisa convidar o aluno para o mundo mágico da criação e estimulá-lo a questionar os paradigmas que se colocam como sendo os únicos a serem seguidos. Se conseguirmos isso, formaremos pessoas pensantes, versáteis e sensíveis, que com certeza terão outro olhar sobre a arte e porque não? Sobre a vida.

### **4.3 A democratização da cultura**

A cultura deve ser encarada como um bem para todos. Muitas obras são denominadas de difícil compreensão, pois uma pequena fatia da população pode ter acesso ao conhecimento dessas obras e sua contextualização na história. A obra de arte não vem do nada, toda obra de arte foi motivada por um espírito da época ou acontecimentos que serviram de motivação para que essa obra fosse criada. Entender a história pelas obras de arte pode ser um excelente caminho, para isso é preciso que tenhamos a disposição da escola muitos filmes e documentários que possam não só mostrar a arte nacional, mas relaciona-la com a arte que veio de fora e nos influenciou. Entendendo melhor os fenômenos históricos fazendo um link com a arte podemos fazer com que os alunos compreendam o mundo que está a sua volta, tanto em suas comunidades como além das fronteiras do próprio país.

A nosso ver, o objetivo central e último da educação escolar é dar acesso ao saber, as diversas formas de conhecimento. Em termos mais amplos, é dar acesso a cultura, entendendo-se cultura como a produção coletiva de uma sociedade, ou mais ainda, como patrimônio de toda a humanidade, construído ao longo da história. Acontece que um dos principais problemas do ensino brasileiro continua sendo o seu alto grau de exclusão. Isto também é de conhecimento público, sendo evidenciado por diversos estudos e levantamentos estatísticos: os índices de evasão e repetência, especialmente nas primeiras séries é suficiente para comprová-lo. (PENA *apud* PEREGRINO, 1995, p.12).

Nesse mundo complexo em que vivemos, a arte deixou de ser algo apenas para se admirar e passou a ser uma parte do nosso dia a dia e às vezes, a única forma de certos grupos se expressarem, como os grafiteiros por exemplo. Somos uma comunidade da comunicação, uma sociedade que precisa se comunicar como um elemento vital e não apenas como entretenimento. Estamos vivendo em um mundo onde tudo muda a cada segundo, onde são inventadas várias coisas que ficam obsoletas num curto espaço de tempo, o que exige de nós compreender de uma forma mais aprofundada a cultura em que vivemos. Se cada vez mais recebemos informações, cada vez mais temos que ter capacidade de decifrar o código das novas informações que recebemos, e como a arte traduz o tempo em que o mundo se desenvolve (a cada dia com maior velocidade), a arte se torna um elemento de compreensão subjetiva dessa realidade cada vez mais veloz, confusa e desumana.

Se a arte é uma forma de expressão – expressar emoções, ideias, vivências, etc. -, é também uma forma de comunicação. Expressão e comunicação, intimamente ligadas. E comunicação presume a capacidade de atingir o outro, de ser compreendida pelo outro. Essa compreensão só é possível se o outro entende o “código”, se ele domina – na maior parte das vezes de forma inconsciente – os

princípios da organização da mensagem. Mensagem que se concretiza seja através do uso de formas e cores, nas artes plásticas, seja por meio de sons, na música, e daí por diante. Trata-se de mensagens de formas ou de sons que se estruturam segundo princípios, e não aleatoriamente. Neste sentido, dizemos que a arte é uma linguagem, ou melhor, as diversas formas de arte são linguagens. Se a arte, enquanto um fenômeno humano e cultural é universal, pois que presente em todos os tempos e em todos os grupos sociais, ela se realiza diferentemente, conforme o momento da história de cada grupo, de cada povo. (PENA *apud* PEREGRINO, 1995, p. 13)

Esse capítulo se propôs a rever as artes como linguagens que complementam as outras disciplinas e permitem uma visão mais subjetiva e menos tecnicista do mundo. Falou da experiência interdisciplinar em sala de aula como forma de unir conhecimentos de várias vertentes para melhor compreensão do mundo em que vivemos por meio da experiência estética, dos métodos de musicalização que podem ser usados para conseguir esse objetivo. Uma das primeiras formas de expressão da humanidade nasceu da arte. A origem da palavra arte vem de artefato, objeto construído com a inteligência do homem para fins diversos. Na escola esse sentido precisa ser resgatado.



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

### **A EDUCAÇÃO POR MEIO DOS SENTIDOS**

Esse trabalho se propôs a discutir sobre as possibilidades alternativas de incluir a arte, por meio da interdisciplinaridade, como uma forma lúdica ao aprendizado, estimulando a reflexão e a criatividade. Por meio de um estudo bibliográfico falamos sobre os benefícios de uma educação menos bancária e mais humanizadora que leva em conta a experiência do aluno no seu dia a dia trazendo-a para a escola. A arte pode ser um meio eficaz de abriremos os horizontes do aluno fazendo-o perceber as relações do mundo, não como ações fragmentadas, mas como relações que se complementam.

Não quero perder a oportunidade de colocar nesse trabalho algumas ideias que ainda não tive a oportunidade de experimentar como, por exemplo: começar um trabalho interdisciplinar através de um cheiro, por exemplo, de eucalipto, e a partir desse cheiro ser construída uma redação usando esse cheiro como tema assim como desenhos, música e representação corporal. Hoje sabemos que nos comunicamos com o mundo não somente por meio da palavra, mas também por meio dos sentidos. O corpo fala. Podemos colocar um livro, uma revista, uma agenda, um caderno dentro de um saco e a partir do toque, termos o nosso ponto de partida, assim como por meio do paladar, já que a visão e a audição foram abordadas nesse trabalho. Podemos também usar como recurso didático uma dessas propagandas que dizem que você vai conseguir tudo o que quer se comprar um determinado carro, um ipod ou um celular e dissecá-la, perguntando aos alunos se eles acreditam ser aquilo uma verdade ou um artifício para vender um produto, fazermos um trabalho interdisciplinar usando o tema da propaganda, tentando aprofundar o assunto o máximo possível. A nossa grande ópera popular que são as nossas escolas de samba, trabalham o tempo todo com a integração entre as artes, usando a música, a dança e as artes plásticas, além de recursos teatrais. Porque não aproveitar essa vocação nata do nosso povo também na educação? Daqui a algum tempo não será surpresa se os novos televisores computadorizados e “inteligentes” trouxerem o cheiro para

dentro de nossas residências. Wassily Kandinsky já comentava esse diálogo entre as artes e os sentidos no início do século na sua obra: “Do espiritual na arte”.

Sobre uma sensibilidade grosseira, a cor tem apenas efeitos superficiais que, desaparecida a excitação, logo deixam de existir. Por mais elementares que sejam esses efeitos são variados. As cores claras atraem mais o olho e o retêm. As cores claras e quentes retêm-no ainda mais: assim como a chama atrai irresistivelmente o homem, também o vermelho atrai e irrita o olhar. O amarelo – limão vivo fere os olhos. A vista não consegue suportá-lo. Dir-se-ia um ouvido dilacerado pelo som estridente do trompete. Os olhos piscam e vão mergulhar nas profundezas calmas do azul e do verde. Quanto mais cultivado é o espírito sobre o qual a cor se exerce, mais profunda é a emoção que essa ação elementar provoca na alma. Ela é reforçada, nesse caso, por uma segunda ação psíquica. A cor provoca, portanto uma vibração psíquica. E seu efeito físico superficial é apenas, em suma, o caminho que lhe serve para atingir a alma. Se essa segunda ação é realmente uma ação direta, conforme é lícito supor pelo que se acaba de expor, ou se, pelo contrário, só é obtida por associação, é difícil decidir. Estando a alma estreitamente ligada ao corpo, uma emoção qualquer sempre pode, por associação, provocar nele outra que lhe corresponda. Por exemplo, como a chama é vermelha, o vermelho pode desencadear uma vibração interior semelhante á da chama. O vermelho quente tem uma ação excitante. Sem dúvida, porque se assemelha ao sangue, a impressão que ele produz pode ser penosa, até dolorosa. A cor, neste caso, desperta a lembrança de outro agente físico que exerce sobre a alma uma ação penosa. Se fosse sempre assim, seria fácil explicar pela associação todos os outros efeitos físicos da cor, não somente sobre a visão, mas também sobre os demais sentidos. Que, por exemplo, o amarelo – claro nos dá uma impressão de azedume e de acidez, porque nos faz pensar num limão, eis uma explicação que se deve rejeitar. A propósito do gosto da cor, não faltam exemplos nos quais essa explicação carece igualmente de validade. Um médico de Dresden conta que um de seus pacientes, “homem eminente e muito superior”, tinha o costume de dizer, a respeito de certo molho, que o achava com gosto de “azul”. Uma outra explicação talvez seja admissível, vizinha dessa, se bem que diferente. No indivíduo altamente evoluído, o acesso a alma tão direto, a própria alma está tão aberta a todas as impressões, que qualquer excitação que penetre até ela faz outros órgãos reagirem instantaneamente: no caso que nos ocupa, o olho- reação que recorda o eco ou a ressonância de um instrumento musical cujas as cordas agitadas pelo som de outro instrumento vibram por sua vez. Um homem cuja sensibilidade seja tão apurada é como esses bons violinos em que já se tocou muito e que, ao menor toque, vibram com todas as suas fibras. (KANDINSKY,1996, p. 66)

Esse livro, “o espiritual na arte” foi concluído por Kandinsky, o pai do abstracionismo, em 1910, portanto quatro anos antes do flagelo da primeira guerra mundial em um tempo onde reinava o ceticismo. A religião, a ciência e a moral estavam abaladas, o materialismo

reinava e Kandinsky preconizava o diálogo entre os sentidos, que seria aproveitado mais tarde pelo cinema e pela própria propaganda para fins totalmente opostos aos estudos realizados por Kandinsky em busca da “cura pela arte”. A maneira pela qual a arte afeta os sentidos foi apropriada pela propaganda para manipular a população, para vender produtos e levar os homens à guerra. A força das imagens para manipular a opinião pública, a força da textura dos alimentos para a propaganda de produtos alimentícios que levariam à população de alguns países a obesidade doentia e as cores para criar climas desde o mais sangrento, usando o vermelho até o mais celestial usando o azul claro e o branco assim como o verde para representar a natureza e ser até usado para o nome de um partido político, demonstraram o seu grande e às vezes devastador poder de persuasão. Gore Vidal conta no seu livro “Hollywood” (1990) que o cinematógrafo, precursor do cinema, foi usado por Willian Randolph Hearst, o cidadão Kane do filme de Orson Welles (1941), para atrair os jovens americanos da época da chamada “geração perdida”, para uma guerra em outro continente usando mensagens subliminares<sup>6</sup>. Entraríamos no mundo dos sonhos de Hollywood, a capital da ilusão, enquanto em Washington se decidia os assuntos da política e da guerra.

As técnicas da propaganda foram se aprimorando cada vez mais até levar toda uma nação para o sonho delirante de um império nazista através de um Führer lunático e seu ministro da propaganda Goebells que institucionalizou o gestual do heill Hitler e o signo da cruz suástica como símbolos do terceiro reich hipnotizando o povo alemão por meio de recursos artísticos e estéticos, embora chamasse a arte moderna de arte degenerada, como aponta o filme “arquitetura da destruição” de Peter Cohen (1989). Os líderes do nazismo queriam trazer de volta a arquitetura clássica e a música de Wagner como signos de uma sociedade perfeita controlada pela raça ariana. Depois, na década de 60, uma propaganda extremada do patriotismo americano, levou milhares de meninos americanos a morrerem numa guerra num país longínquo do sudeste asiático na luta contra o comunismo. O Livro do Kandinsky preconizou a “era dos sentidos”. Sentidos que foram manipulados pelo estado e pelas empresas para venderem produtos, manter sistemas e levar incautos e heróis inocentes a guerra. Um preço muito caro a pagar pela ambição de uns poucos. Ao mesmo tempo, não podemos apenas temer essa apropriação de signos com as mais variadas intenções. Como professores temos que achar maneiras de usar os mesmos signos usados para finalidades não

---

<sup>6</sup> Mensagem subliminar segundo a professora de comunicação Rosane Palacci é toda aquela informação que não é percebida pelo consciente das pessoas, porém, é recebida pelo subconsciente e, às vezes, é capaz até de influenciar atitudes, motivações, escolhas e vontades. Esse tipo de técnica pode ser utilizada na forma visual ou auditiva, na tentativa de fazer uma persuasão mental. (PALLACI, 2012, n.p.)

educativas e desconstruir objetivos destrutivos ou apenas consumistas e transforma-los em material didático para a construção de um outro contexto. “Se o mundo, em suas crises de loucura, destrói os valores da civilização, o sábio deve criar e acumular outros valores: a humanidade irá utilizá-los para se recuperar dos golpes da história”. (MATISSE *apud* ARGAN 2010, p. 343).

A incorporação da arte na produção capitalista e na paisagem urbana é cada vez mais marcante. Percebe-se que a cultura de massa e a indústria voltam-se frequentemente para a busca de padrões estéticos, antecipados pelas vanguardas artísticas como forma de renovação e criação de novos referenciais. Nenhuma sociedade esteve tão saturada por imagens e signos visuais como a nossa. As mensagens visuais constantemente presentes na vida das cidades tornaram-se uma obsessão da civilização ocidental. Como resultado, passamos da sociedade de consumo para a cultura do consumo, que pode ser considerada uma cultura da comunicação visual por fundamentar-se na produção e reprodução de sinais. Uma das fontes alimentadoras desse processo de reprodução seriam os signos visuais criados pela arte. Se por um lado essas “presenças” da arte podem ser entendidas como uma diluição ou mesmo banalização da arte, por outro, acreditamos que o processo histórico que as gera não pode ser negado e é irreversível. A nosso ver não cabe nem supervalorizar estas manifestações, nem lamentar a perda da “aura” da obra única, sob o risco de reforçar uma postura elitista no acesso à arte. Consideramos que a incorporação desses signos, não significa uma simples absorção da arte pela indústria ‘cultural, pois funciona também como um alargamento da produção e do consumo de imagens às camadas sociais tradicionalmente excluídas da fruição estética, bem como uma melhoria na qualidade dos padrões estéticos da população em geral. Com isso ampliam-se as opções e conseqüentemente a necessidade de consumo estético, ao mesmo tempo em que cria um nível de exigência apurado. Além disso, pesquisas mostram que o apelo visual presente em nosso cotidiano pode ser o responsável por grande parte do nosso aprendizado informal. (PEREGRINO, 1995, p. 20).

Esse trabalho se propôs, por fim, se utilizando da experiência estética com base na pedagogia da escola crítica de ensino, a contribuir como uma alternativa de educação interdisciplinar, que tem como objetivo provocar a reflexão e a criatividade do educando, procurando facilitar a compreensão desse mundo multifacetado em que vivemos. Não podemos repudiar automaticamente as apropriações da chamada “grande arte” pela indústria cultural, mas por meio da educação, transformar essa fragmentação em um estímulo para conhecermos a obra inteira. Uma das formas de alertar nossos alunos de distorções causadas por mensagens que visam apenas o consumo mecânico e inconsciente de produtos ou causas é tentar fazê-los entender o processo como um todo e assim desvendar as intenções dos apelos

publicitários e desconstruí-los como verdades ao invés de repudiá-los simplesmente. A música integrada às outras artes junto com as disciplinas regulares pode ser um precioso meio para que isso seja feito.

## REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. *Para além da lógica de mercado: compreendendo e opondo-se ao neoliberalismo*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ARQUITETURA da destruição. Direção: Peter Cohen, narração: Bruno Ganz. Suécia. Poj filmproduktion AB.1 fita de vídeo (121 minutos) son, color, 35 m.m.
- DUARTE, Mônica. Tese de doutorado: Por uma análise retórica dos sentidos do ensino da música na escola regular. UFRJ, 2004.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?* São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- FREIRE, Paulo: *Pedagogia do oprimido*. 2ª edição. Porto: Editora Afrontamento, 1975.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: Editora L & PM, 1998.
- GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. Aveiro: Ed. Universidade de Aveiro, 2004. (p.9-21).
- GOULART, Diana. *Dalcroze, Orff, Suzuki e Kodaly: semelhanças, diferenças e especificidades*. Disponível em: [http://www.dianagoulart.pro.br/texto\\_dalcroze.php](http://www.dianagoulart.pro.br/texto_dalcroze.php), Acesso em outubro de 2012.
- GRAMSCI, Antônio. *Americanismo e Fordismo*. Obras escolhidas. São Paulo: Martins Fontes. 1978.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- HORGAN, John. *O fim da ciência*. Uma discussão sobre os limites do conhecimento. São Paulo: Companhia das letras. 1996.
- KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro. (p. 20-28), 2002.
- MAC LUHAN, Marshall. *The Medium is the Message: An inventory off effects*, Harmondworth: Penguin, 1967
- O GLOBO on line. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/05/alunos-tem-dificuldade-de-retornar-aulas-um-mes-apos-ataque-escola.html>, Acesso em outubro de 2012.
- PALACCI, Rosane. *Persuasão subliminar: uso desse tipo de mensagem como estratégia de comunicação*. Disponível em: <http://rrpponline.com.br/site/a-persuasao-subliminar/>, Acesso em outubro de 2012.
- PATO, Maria H. (org.) *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. (p.61 – 78).
- PEREGRINO, Yara Rosas. *Da camiseta ao museu: o ensino das artes na democratização da cultura*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1995.

REIS, Josias. Monografia, *Química tecnológica: Um exercício de cidadania*. UFF. Niterói, 2007.

SHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo. Editora UNESP. 1992.

SIC NOTÍCIAS disponível em: <http://videos.sapo.pt/qKLibgadCzdUgzFKCCSP>, Acesso em outubro de 2012

VIDAL Gore. *Hollywood*. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 1991.